



Pandemia e Educação: em busca de inéditos-viáveis

Pandemic na Education: in search of viable-unedited

Pandemia y educación: en búsqueda de inéditos viables

Valéria Oliveira de Vasconcelos¹



<https://orcid.org/0000-0002-0616-2372>

Dulce Consuelo Andreatta Whitaker²



<https://orcid.org/0000-0001-9798-3071>

Resumo: O presente ensaio visa a promover reflexões sobre a pandemia como situação-limite nos tempos atuais, denunciar alguns dos condicionantes ideológicos que obnubilam a compreensão da realidade e apontar possibilidades na área da educação como enfrentamento do que está posto. Apoiamo-nos em um referencial teórico crítico, tendo Álvaro Vieira Pinto, Lucien Goldmann, Paulo Freire, Achile Mbembe e Ailton Krenak como aportes principais. Balizamos-nos por algumas questões: O que a pandemia desmascara? Quais os motivos de sua negação por boa parcela da população? Como as escolas podem atuar para desnudar a presente unidade epocal e anunciar outras formas de ver e viver o mundo num futuro próximo? Partimos do princípio que de que a consciência possível se constrói dentro de uma ideologia e que desvelar as falácias da necropolítica e dos ditames do neoliberalismo podem apontar rumos para a construção de inéditos-viáveis na escola e fora dela.

Palavras-chave: Educação. Pandemia. Consciência máxima possível. Inéditos-viáveis.

Abstract: The present essay aims to promote reflections on the pandemic as a limit situation in the current times, to denounce some of the ideological constraints that obscure the understanding of reality and to point out possibilities in the area of education as a confrontation of what is set. We rely on a critical theoretical framework, with Álvaro Vieira Pinto, Lucien Goldmann, Paulo Freire, Achile Mbembe and Ailton Krenak as main contributions. We are guided by some questions: What does the pandemic unmask? What are the reasons for its denial by a good portion of the population? How can schools act to expose the present epochal unit and announce other ways of seeing and living the world in the near future? We start from the principle that the possible conscience is built within an ideology and that unveiling the fallacies of the necropolitics and the dictates of neoliberalism can point out directions for the construction of viable unedited at school and outside it.

Key-words: Education. Pandemic. Maximum conscience possible. Viable-unedited.

Resumen: El presente ensayo tiene como objetivo promover reflexiones sobre la pandemia como una situación límite en los tiempos actuales, denunciar algunas de las limitaciones ideológicas que oscurecen la comprensión

¹ Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). E-mail: valvasc2013@gmail.com

² Doutora Ciências Sociais. Professora Emérita da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP). E-mail: marisaandreatta@gmail.com

de la realidad y señalar posibilidades en el área de la educación como una confrontación de lo que ahí está. Contamos con un marco teórico crítico, con Álvaro Vieira Pinto, Lucien Goldmann, Paulo Freire, Achile Mbembe y Ailton Krenak como contribuciones principales. Nos guían algunas preguntas: ¿Qué desenmascara la pandemia? ¿Cuáles son las razones de su negación por una buena parte de la población? ¿Cómo pueden actuar las escuelas para exponer la unidad epocal actual y anunciar otras formas de ver y vivir el mundo en un futuro cercano? Partimos del principio de que la conciencia posible se construye dentro de una ideología y que revelar las falacias de la necropolítica y los dictámenes del neoliberalismo puede indicar direcciones para la construcción del inédito-viable en la escuela y fuera de ella.

Palabras-clave: Educación. Pandemia. Consciencia máxima posible. Inéditos-viables.

Introdução

Tempos apocalípticos são tempos que desvelam, que fazem ver (LAZZARATO, 2019).

Vivemos um momento histórico em que o planeta Terra está sendo assolado por uma pandemia cujas consequências ainda estão por se definir. No Brasil, essa unidade epocal assume nuances ainda mais dramáticas, dada a conjuntura política tomada pela extrema-direita. Para Freire (1987, p. 53):

[...] uma unidade epocal se caracteriza pelo conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude. A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também, os obstáculos ao ser mais dos seres humanos, constituem os temas da época.

Nossa unidade epocal encontra-se marcada por um cenário bastante complexo em que inúmeros fatores entram em jogo: um deles é a dificuldade de grande parte das pessoas em compreender a crise sanitária e política, além de questionar o isolamento social como estratégia de enfrentamento. Perguntamo-nos: O que a pandemia desmascara? Quais os motivos de sua negação por boa parcela da população? Como contribuir para desnudar a presente unidade epocal e anunciar outras formas de ver e viver o mundo num futuro próximo? Qual o papel das escolas nessa conjuntura?

Nossa hipótese é que as respostas para essas questões passam pelo desvelamento dos condicionantes ideológicos, uma vez que a ideologia, para Goldmann (1972), está circunscrita aos “limites da consciência”. Para criar é necessário sair dos limites.

Organizamos o presente ensaio em cinco partes. Após breve introdução, tratamos no segundo tópico a própria pandemia como uma “situação-limite”, dentro da qual grande parte das pessoas se encontra mais imersa que emersa (FREIRE, 1987). No terceiro tópico, denominado “Consciência Máxima possível”, buscamos trazer elementos analíticos sobre algumas razões que levam grupos sociais a negar a pandemia e a recusar proposições efetivas para seu enfrentamento, além da necropolítica (MBEMBE, 2016) instaurada no país. No quarto tópico apontaremos alguns “atos-limite” a serem

empreendidos pela Educação, escolar ou não, dentro dos marcos desse artigo. Por fim, tecemos algumas considerações, sempre provisórias.

A pandemia como situação-limite

O conceito de situação-limite foi utilizado inicialmente por Vieira Pinto, filósofo brasileiro que a entendia como uma barreira a ser ultrapassada:

Constitui-se socialmente uma “situação-limite” quando a comunidade, tangida pelo agravamento das condições reais de vida [...], é levada à consciência de si e entra em violento conflito com o mundo material onde se acha. Sociologicamente, o que se deve definir como “situação-limite” não é o fracasso, mas sim o protesto (VIEIRA PINTO, 1970, p. 284, in: OLIVEIRA, MOREIRA e GUZZO, 2014, p. 100).

O autor chama a atenção para que, em “situações-limite”, é recorrente observarmos diversificações de entendimento dessa circunstância, dentro de uma mesma sociedade. Ou seja, elas expõem a contradição da “contemporaneidade do não coetâneo” (FREIRE, 1987, p. 54). Em outros termos, a consciência que se tem dessa realidade não é a mesma entre diferentes grupos sociais, espaços, tempos ou pessoas. A atual pandemia - apesar de trazer sentimentos bastante comuns entre a maioria da população, tais como insegurança, medo, angústia, entre outras - não atinge as classes sociais da mesma forma, cujos efeitos “podem ser ou deixar de ser captados em sua verdadeira significação, ou simplesmente podem ser sentidos. Às vezes, nem sequer são sentidos” (FREIRE, 1987, p. 54, grifos nossos). A título de ilustração: enquanto uns grupos sociais trabalham remotamente no conforto de seus lares, com todas as benesses concedidas pelo capital, outros não têm sequer garantia de subsistência e padecem com a precariedade do transporte coletivo, do saneamento básico, dos serviços públicos de saúde, da ausência de acesso à internet, entre outras carências. Dessa forma, enquanto para uns o limite está muito distante, outros convivem com distintas “situações-limite” cotidianamente.

Entretanto, entendendo-nos como seres inconclusos e organicamente resilientes, acreditamos que a realidade não é determinada, mas sim condicionada e, portanto, passível de ser transformada.

Temos convicção de que nesses tempos apocalípticos (LAZZARATO, 2019), a pandemia pode contribuir para desvelar, para fazer ver. A intervenção na realidade com vistas a desenvolver outras virtudes demanda, portanto, uma compreensão imperativa de seus condicionantes. Segundo Freire (1987), para a superação das ‘situações-limites’ - em que as pessoas se acham quase coisificadas - é imprescindível uma percepção crítica, fundada na ação mesma movida pela esperança e confiança que mobilize para a luta.

Se a pandemia pode ser comparada a uma guerra – conforme o exposto por alguns políticos no poder – como tomar a história nas mãos para dela nos tornarmos sujeitos? A “consciência máxima

possível” pode iluminar caminhos e apontar saídas.

Consciência máxima possível – desvelando a necropolítica

Se trata no solo de ver lo que no se ha visto, sino de ver como no se ha visto (CORONIL, 2003).

Já denunciava Freire (1987), em sua genialidade, que há épocas em que ocorrem “irracionalismos mistificadores” cuja constante e insistente repetição se torna um dos temas fundamentais desse período. Parece-nos que o epíteto de “mito” a um político misógino, racista, genocida, cumpriu uma função de propagar tal irracionalismo, que se retroalimenta com a falácia disseminada recorrentemente na mídia hegemônica e nas hoje conhecidas *fake news*.

Quando os mandatários de plantão colocam-se contrários ao isolamento social e às políticas de proteção à vida postuladas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) assumem uma postura atrelada à necropolítica cuja consequência é um genocídio anunciado. De acordo com Mbembe (2016, p. 123):

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder.

A ideologia propulsora dessas posturas, tal qual o coronavírus, parece ter a capacidade exponencial de transmitir sua virulência e contaminar corpos e mentes. E no atual momento, o epicentro dessa ideologia vem sendo o Governo Federal brasileiro (acompanhado de alguns governos estaduais, municipais, além de fortes corporações econômicas, correligionários e fiéis escudeiros), e amplamente veiculado pela grande mídia.

Para Santos (2011, p. 93) a esses veículos da mídia cabe a criação de um “estado de superinformação perpétua e de subinformação crônica” que caracteriza as sociedades contemporâneas, em que se faz presente tanto a “sobrecarga de informações irrelevantes, como também a propensão a apenas abarcar certos aspectos da realidade, cuja escolha para a exibição pública é com frequência ligada ao mundo da política e dos interesses”.

Tudo isso acarreta, reiterando, a disseminação de informações fortemente atreladas aos valores do neoliberalismo, que negam, manipulam e limitam possibilidades de uma visão mais abrangente dos fatos e dos fenômenos por parte das pessoas, principalmente aquelas de baixa renda (SANTOS, 2011). Ainda segundo o mesmo autor, a retórica que move o discurso neoliberal “ao mesmo tempo em que prega a abstenção estatal na área produtiva, atribui ao estado capitalista uma

grande cópia de poder sobre os indivíduos a título de restaurar a saúde econômica e, assim, preservar o futuro” (SANTOS, 2011, p. 85).

Dessa forma, para arrostar a pandemia como “situação-limite” consideramos necessária, apoiadas em Goldmann (1972), uma profunda compreensão da “consciência real” existente entre as camadas populares e a busca por uma “consciência máxima possível”.

A consciência real está sujeita aos múltiplos desvios e barreiras impostos pela ideologia o que invariavelmente obstaculiza e limita ações emancipadoras. Nesse nível da consciência real, os seres humanos têm dificuldade em perceber mais além das “situações-limites”. Já a “consciência máxima possível” confere às pessoas a possibilidade de vislumbrar alternativas para a superação dos problemas concretos que enfrentam, além de perceber as armadilhas engendradas pela ideologia dominante. Isso significa que, ao apreender a totalidade do real elas tornam-se capazes de construir “inéditos viáveis”.

Supor que a ideologia viceje somente entre a classe dominante é perigosamente ingênuo. Se a burguesia cumpre seu papel de manutenção do *status quo* e de seus privilégios, grande parte das pessoas introjeta esses valores, hospedando o opressor em si. Por esse motivo o compromisso ético da escola – entendida como “lócus privilegiado para o início de um novo tempo” (WHITAKER, 2010, p. 180) – se alicerça no desvelamento e no desmascaramento dos mitos criados pelos grupos no poder e no dever de erigir a mais plena realização humana que é sua própria libertação. A “consciência máxima possível” auxilia, nesse sentido, na construção de outros mundos e outras histórias.

Contando mais uma história na educação

Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2019, p.27).

Apropriando-nos das palavras de Krenak (2019), assumimos que, para confrontar a versão dos necrófilos, é preciso que a escola propicie espaço para outras histórias. E essas histórias podem ser contadas começando pela escuta das vozes das próprias crianças das classes populares, com seus relatos e experiências concretas, desde sua perspectiva como vítimas de um sistema opressor e excludente. A escola pós-pandemia tem a missão de trazer à luz os relatos de quem perdeu entes queridos e teve seus direitos negados, cujas condições precárias exigiram “atos-limites” para garantir a própria sobrevivência. Essas crianças e seus familiares encararam a visão apocalíptica e, portanto, podem mais apropriadamente sobre ela falar.

Como sugere Freire, precisamos descodificar a realidade, proporcionando oportunidades para que as crianças exteriorizem sua “visão do mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das

‘situações-limites’, sua percepção estática ou dinâmica da realidade”. A escola não pode, portanto, se furtar de enfrentar o que a pandemia veio desmascarar: a profunda desigualdade existente no planeta. E dessa contingência, das formas expressadas de pensar o mundo, de entendê-lo dinâmica ou estaticamente, de inventar enfrentamentos, emergem os “temas geradores”. Esses temas precisam ser identificados e problematizados coletivamente, uma vez que essas situações são tão históricas quanto os seres humanos.

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar *pelos* outros nem para os outros, nem *sem* os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensando o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação. [...] Os seres humanos são porque *estão* em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de *estar*, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão (FREIRE, 1987, p. 58).

Elencamos aqui alguns “temas geradores” escancarados nos tempos de pandemia: o preconceito contra o idoso, o patriarcalismo, a discriminação racial (contra negros e indígenas) e a desigualdade social. Outros tantos podem e devem ser desvelados nas próprias circunstâncias identificadas nos diversos espaços e tempos escolares. Consideramos que as mulheres, pessoas idosas, negras e pobres são os alvos mais flagrantes da necropolítica e, portanto, urgem ações que combatam essas violências.

A dignidade dos idosos deve ser entendida como um dos marcos fundamentais da educação. Partimos de algumas perguntas: Que sociedade é essa que descarta as doçuras da relação entre avôs/avós e netos/netas e não contabiliza o papel essencial desempenhado pelas pessoas mais velhas em relação às crianças? O que pode a escola fazer para mudanças de atitude em relação ao idoso? Algumas das respostas são sugeridas por Whitaker (2010, p. 184):

Enquanto os jovens estão voltados para o futuro, os idosos contemplam o passado e fazem um constante balanço daquilo que viveram, presenciaram, testemunharam. Caberia à escola aproveitar esse manancial de recordações que ajudam a reconstruir a história de todos nós, criando programas de coleta de histórias de vida para a formação de arquivos. Estes seriam fontes orais para pesquisas de todos os tipos.

O papel social atrelado a homens e mulheres é outro tema fundamental a ser problematizado. Inúmeras ações e reflexões podem contribuir para a construção de masculinidades e feminilidades outras. De maneira ilustrativa trazemos um estudo realizado nas periferias de Medellín/Colômbia no intento de promover questionamentos sobre os lugares hegemônicos ocupados por meninos. Usualmente exige-se deles um perfil insensível, guerreiro e destruidor. As autoras Giraldo, Bustamante e Henao (2016) vêm promovendo junto a seus alunos vivências de masculinidades orientadas pelo

amor, pelo respeito à natureza e às pessoas, potencializando a escuta, o cuidado e outras formas de ver o mundo sem destruí-lo. Essas crianças foram desprovidas de muitas coisas, entre elas a fantasia e a magia que são requeridas para expandir sua subjetividade, questionando e refletindo sobre suas experiências a partir de auto-narrativas.

Contar outras histórias que reforcem o valor das vidas negras também é papel inequívoco da escola pós-pandemia. A luta contra o racismo não pode mais ser adiada ou negligenciada. Todas as vidas humanas importam. Problematizar, debater, trazer à tona a questão das relações étnico raciais e erradicar o racismo é urgente:

[...] é preciso falar sobre a questão racial, desmistificar o racismo, superar a discriminação racial. Diferentemente do que alguns pensam, quando discutimos publicamente o racismo não estamos acirrando o conflito entre os diferentes grupos étnico/raciais. Na realidade é o silenciamento sobre essa questão o que mais reforça a existência do racismo, da discriminação e da desigualdade racial (GOMES, 2017, p. 51).

Finalmente, a escola não pode mais se eximir do compromisso de desnaturalizar a desigualdade social e de questionar o capitalismo como único sistema econômico viável e possível. O capitalismo representa uma máquina mortífera que identifica a natureza como algo de que alguém possa se apropriar. De acordo com Krenak (2019, p. 50), esse sistema conduz à maioria das pessoas a excluir

[...] da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver [...] quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e das interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos...

Considerações Provisórias

Como Freire ressalta, o esforço de propor aos indivíduos, sejam crianças ou adultos, dimensões significativas de sua realidade é exigência ontológica, e sua análise crítica deve possibilitar o reconhecimento da interação de suas partes. É imperativo que reconheçamos, portanto, a Terra como nossa mãe e provedora, que acolhe a todos, humanos e não-humanos, munidos de “coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar” (KRENAK, 2019, p.50).

Precisamos superar a ideia de hierarquização entre raças, povos e gentes, lutando contra a insistente demanda por mercadorias e consumo.

Definitivamente não necessitamos de um “novo normal”, como a mídia vem insistindo.

Precisamos criar “inéditos viáveis” apoiados em uma “máxima consciência possível”, partindo do contexto mesmo em que estamos inseridos para reinventar um mundo com justiça, dignidade, equidade e solidariedade, no qual caibamos todos e todas.

Referências

- CORONIL, F. ¿Globalización Liberal o Imperialismo Global? Cinco Piezas para Armar el Rompecabezas del Presente. **Revista Temas**, Lisboa, v.33(34), p. 14-27, abril/setembro, 2003. Disponível em: <https://repositorio.uasb.edu.ec/handle/10644/1929>. Acesso em: 25/05/2020
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª edição, 23ª reimpressão, 1987.
- GOLDMANN, L. **Ciências Humanas e Filosofia: O que é a Sociologia?** Rio de Janeiro: Editora Difel edição, 1972.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. 1ª. Ed. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 127-151, dez., 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 20/05/2020.
- GIRALDO, M. L.; BUSTAMANTE, G. M. M.; HENAO, G. A. M. Buscando la equidade de género entre cartas, árboles y duendes. En: CENDALES, L.; MEJÍA, M. R.; MUÑOZ, J. **Pedagogías y metodologías de la Educación Popular: Se hace el camino al andar**. Bogotá: CEAAL, Ediciones Desde Abajo, 2016, p.109-127.
- GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>
- OLIVEIRA, Lucian Borges de; MOREIRA, Ana Paula Gomes; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Ampliando o conceito de situação-limite de Martín-baró: diálogos com o conceito de crise. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, v. 5, n. 2, p. 96-105, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17887>. Acesso em: 14/06/2020
- SANTOS, M. **O espaço da cidadania e outras reflexões**/Milton Santos; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.
- WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 179-188, mai.-ago., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7nkZXCjVPmMkGZRWCbq9GFM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14/05/2020.
- Olhar de professor, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-9, e-16549.063, 2021. Disponível em <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

Recebido em: 04 de agosto de 2020.

Versão corrigida recebida em: 02 de novembro de 2020.

Aceito em: 01 de junho de 2021.

Publicado online em: 26 de junho de 21.

